

NA CRISE
OU NO
CRESCIMENTO:

Sindicato, use para corrigir erros

Sorocaba, 26 de agosto de 2009



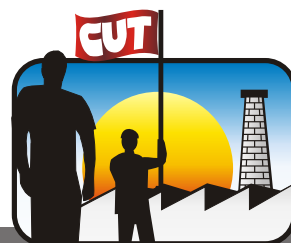
Ditadura

Os trabalhadores brasileiros, de diversas categorias, inclusive metalúrgicos, sempre estiveram à frente de movimentos populares em busca de liberdade e de melhores condições de trabalho e de vida.

Lutaram por justiça social.

A ocupação de fábricas durante a II Guerra Mundial, para protestar contra carga abusiva de trabalho e contra a redução salarial, e os protestos sindicais no governo militar, por liberdade, são alguns dos exemplos da luta dos trabalhadores para corrigir erros históricos em nosso País.

Não ser sindicalizado é um ótimo negócio. Para o patrão.



Veja pelo site do sindicato,
www.smetal.org.br os
filmes que serão lançados
semanalmente.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS
SOROCABA E REGIÃO



www.tmaxpropaganda.com.br

Sindicato, use para corrigir erros

Na história do Brasil e de outros países, o movimento sindical é uma organização amplamente utilizada, para ajudar a corrigir erros históricos como ditaduras, preconceitos, discriminações, concentração de renda, exploração da mão-de-obra, injustiças sociais.

São muitos os exemplos, em pouco mais de um século de lutas sindicais no Brasil, de como as organizações operárias interferiram de forma positiva nos rumos do país, ajudando a promover evoluções sócio-políticas hoje vigentes. Neste fascículo relatamos, resumidamente, apenas alguns episódios.

“Carestia, desemprego, exploração desabusada dos empregados pelos patrões, jornadas desumanas de trabalho, violência de encarregados, falta de moradia, baixos salários, febre amarela e mortalidade infantil”, eram alguns dos problemas enfrentados pelos trabalhadores, noticiados pela imprensa e denunciados em greves e manifestações durante o ano de 1909.

Em 1914, a I Guerra Mundial afeta a produção fabril europeia. Empresas de vários ramos são transformadas em fábricas de armas e de outros produtos destinados à guerra. No Brasil, esse fato atíça a ganância de empresários, que querem exportar produtos em falta na Europa. Com isso, aumenta a exploração da mão-de-obra brasileira.

Em Sorocaba, seguindo essa mentalidade, empresários aumentaram a jornada e reduziram salários em 25%. Trabalhadores têxteis entraram em greve e ocuparam fábricas. Depois de alguns dias, a jornada foi reduzida e os salários reajustados.

Já em 1947, o presidente Gaspar Dutra congelou os salários dos trabalhadores,



Arquivo Smetal/Sorocaba

Trabalhadores ouvem lideranças sindicais durante manifestação popular

justificando que a medida reduziria a inflação. Uma onda de protestos sindicais se espalhou pelo país. Para conter os protestos, o governo destituiu diretorias sindicais e prendeu líderes operários.

Em março de 1953, para obter reajustes salariais, sindicatos realizaram a “Greve dos 300 Mil” em diversas regiões do país. Em abril, os operários conquistam 33% de reajuste, libertação dos sindicalistas presos e não-desconto dos dias parados.

No início de 1954, o ministro João Goulart (Jango), que contava com o apoio de sindicatos, anunciou 100% de reajuste no salário mínimo. Por pressão do Exército, Jango foi demitido pelo presidente Vargas. Mas, em 1º de maio, o próprio presidente dobrou o valor do salário.

As eleições de 1960 tiveram votação separada para presidente e vice-presidente. Jânio Quadros foi eleito presidente e João Goulart, vice. Na mesma época, os EUA passaram a treinar operários brasileiros no instituto IADESIL. Era a CIA formando os futuros interventores sindicais pós-golpe de 64.

Em 1961 Jânio renuncia; Jango assume a presidência e passa a defender reformas de base

no Brasil, o que desagradou às elites conservadoras. Os militares derrubam Jango e tomam o poder no dia 31 de março de 1964. Os partidos são dissolvidos. Dezenas de lideranças sindicais e populares são presas. As diretorias sindicais eleitas são destituídas. Interventores assumem a direção dos sindicatos.

Em 1967, alguns sindicatos, como o dos metalúrgicos de Osasco, conseguem se livrar dos agentes do regime e articulam um movimento unificado para exigir reajustes salariais.

Em 1968, tornam-se mais intensos os protestos populares contra a ditadura. No final do ano, dia 13 dezembro, o governo decreta o Ato Institucional nº5 (AI-5). A censura é oficializada; o Congresso Nacional é fechado; a liberdade de organização é cancelada; líderes operários, estudantis e intelectuais são presos, exilados e, muitas vezes, torturados e mortos.

Os assassinatos do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 75, e do metalúrgico paulistano Manuel Fiel Filho, em janeiro de 76, nos porões do regime, sensibilizam a opinião pública e dão origem a uma ampla campanha pela redemocratização do país.

Continua na próxima edição



Arquivo Smetal/Sorocaba

Manifestantes ocupam as ruas por melhores salários e condições de trabalho

Não ser sindicalizado é um ótimo negócio. Para o patrão.